



Dois tempos em diálogo: La Fontaine e Machado de Assis

Fernanda Oliveira Cunha¹

RESUMO: O Objetivo deste trabalho é comparar a fábula de La Fontaine à Madame de Montespan e a crônica de Machado de Assis de 3 de Janeiro de 1865. A crônica machadiana aborda assuntos como o ano que se inicia trazendo o novo e com ele o sentimento de desejar que tudo seja melhor que o ano velho e quando este chega logo sentimos saudades do ano que se passou, trata também da guerra do Paraguai. A fábula foi dedicada à Madame de Montespan amante do rei Louis XIV, conhecido como Rei Sol. Esopo é citado como “Le Sage” (o sábio) e é tido pelo autor como o criador da fábula, este gênero que prende a alma, o coração e o espírito humano em seus relatos. Desta forma o fabulista se autovaloriza. Na crônica encontramos a seguinte citação: “A preguiça é um dom em que saímos aos deuses”, uma citação de La Fontaine que sofreu modificações, pois na fábula encontra-se: “L’apologue est un Don qui vient des Immortels”. Veremos de que maneira Machado de Assis usa a citação e a modifica conforme seu contexto histórico. Também analisaremos a paródia na relação intertextual e o dialogismo estabelecido entre gêneros literários tão distintos quanto a crônica e a fábula . Para tal nos basearemos na intertextualidade de Julia Kristeva e no dialogismo de Mikhail Bakhtine.

Palavras chave: La Fontaine; Machado de Assis; intertextualidade; dialogismo

RÉSUMÉ: l’objectif de ce travail est de comparer La fable de La Fontaine à Madame de Montespan et La chronique de Machado de Assis Du 3 janvier 1865. Dans la chronique de Machado nous pouvons trouver des sujets comme l’année que commence et que amene le nouveau et avec lui le sentiment de souhaiter que tout soit meilleur que l’année passé et quand ce-là arrive vient avec une grande manque de l’année qui est déjà passé, il y a aussi le sujet de la Guerre du Paraguai . La fable a été dédié à Madame de Montespan l’amant du Roi Louis XIV, connu comme Roi Soleil. Esope est cité comme Le Sage et est traité pour l’auteur comme le createur de la fable, ce genre que prends l’alme, le coeur et l’esprit humain dans ce recit . De cette façon le fabuliste se autovalorize. Dans la chronique on peut trouver la citation suivante: “ A preguiça é um dom em que saímos aos deuses” (“La paresse est un don qui vient des Immortels”), une citation de La Fontaine qui a été modifiée, car dans La fable on trouve: “ L’apologue est un Don qui vient des Immortels”. Nous étudierons la parodie dans la relation intertextuelle et le dialogisme établi grâce aux genres littéraires aussi distincts que la chronique et la fable. C’est pour ça que nous étudierons l’intertextualité de Julia Kristeva et le dialogisme de Mikhail Bakhtine.

¹ Fernanda Oliveira Cunha, graduada e mestranda em Letras. Orientadora: Daniela Mantarro Callipo. Projeto: Fábulas Crônicas: La Fontaine e Machado de Assis. Linha de pesquisa: Arquivos da Memória: Fontes e Periódicos Literários e Culturais (AMFP). Instituição Universidade Estadual Paulista “ Julio de Mesquita Filho” UNESP de Assis. E-mail para contato: fernanda@gspidiomas.com.br



Mots clés: La Fontaine, Machado de Assis, Intertextualité et dialogisme.

“Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu... Tempo de amar, e tempo de aborrecer; tempo de guerra, e tempo de paz.”

(Eclesiastes 3:1 e 8)

Criar um diálogo entre Fábulas e Crônicas. Como isto é possível, já que estamos falando de dois gêneros diferentes em contextos históricos muito distantes? Sabemos que La Fontaine nasceu em 1621 na França em uma pequena cidade na região de Picardia que se chamava Château-Thierry. O rei Louis XIV, rei sol, fazia parte do contexto social de La Fontaine e é por este muitas vezes representado em suas fábulas.

As fábulas apresentam, na maioria das vezes, personagens animais que representam a personalidade humana com seus vícios, ganâncias, orgulho, preguiça, enfim com toda as características próprias do ser humano. E por meio delas o fabulista ensina uma lição de moral ou nos mostra a história de seu tempo.

Sabemos também que Machado de Assis nasceu em 1839 no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro. O Cronista vive em uma época de mudanças: sociais, políticas, econômicas e culturais. A própria cidade em que nasceu entra em um grande processo de transformações cujo modelo se baseia nas mudanças realizadas na Europa, principalmente na França.

Aparecem os folhetins com espaço reservado para a crônica que relatava fatos ocorridos na semana. Estes fatos são comentados por Machado que vai de um assunto tido como relevante a outro tido como banal o que poderia ser visto como um recurso para despistar o leitor e a crítica.

Como se pode perceber trataremos de dois gêneros distintos em contextos históricos completamente diferentes. Então, como podemos encontrar um elo ligando os dois tipos de textos?

Analisaremos, por meio da citação feita por Machado de Assis (“A preguiça é um dom em que saímos aos deuses”) de que maneira o trecho citado de La Fontaine (“L'apologue est un Don qui vient des immortels”) é modificado por Machado e como existe uma relação de intertextualidade entre eles de forma a estabelecer um diálogo



entre textos. Para tal nos basearemos na intertextualidade de Julia Kristeva e no dialogismo de Mikhail Bakhtine.

A crônica Machadiana que será analisada neste trabalho é a de 3 de Janeiro de 1865, na qual há uma citação da Fábula “À Madame de Montespan”.

A Fábula “À Madame de Montespan” faz parte do sétimo livro, segunda coletânea de La Fontaine. São ao todo 87 fábulas dedicadas à amante do Rei Louis XIV, conhecido como o Rei Sol.

Segue o trecho da fábula da qual Machado retirou a citação usada em sua crônica.

À Madame de Montespan

L'apologue est un Don qui vient des Immortels;
Ou si c'est un présent des hommes,
Quiconque nous l'a fait mérite des autels (LA FONTAINE, 2002, p. 205-206)

Nesta fábula, La Fontaine coloca o apólogo (fábula) como um dom que vem dos imortais, ou seja, dos deuses. Exaltando assim esse gênero literário a ponto de pensar que mesmo se ele viesse dos homens, ele seria digno de honra na mesma proporção. Desta forma o fabulista se auto valoriza. Esopo é citado como “Le Sage” (o sábio) e é tido pelo autor como o criador da fábula, este gênero que prende a alma, o coração e o espírito humano em seus relatos.

Em seguida, ele fala de sua Musa, tecendo uma comparação com o Olimpo (na mitologia grega lugar em que os deuses viviam), portanto a sua musa é comparada a uma deusa. Sabe-se que a “sua” musa não era outra senão a amante do Rei Sol, Madame de Montespan que tomava lugar na mesa dos deuses (“A quelquefois pris place à la table des Dieux...”), ou seja, na mesa do Rei. Em seguida, ele fala do tempo que destrói tudo e no qual o escritor procura transpor ao escrever: “... Le temps qui détruit tout, respectant votre appui/Me laissera franchir les ans dans cet ouvrage...” (IDEM, p.205-206). Segundo ele, sua Musa é toda encanto e uma pessoa muito doce, seu nome serve de defesa e abrigo, mas o Olympo está reservado à outra pessoa, como denominado no corpo do texto, a um Grande Senhor, como sabemos o Rei Louis XIV.

Em os Lusíadas(1572) encontramos as invocações às deusas, desta forma Camões busca obter ajuda e inspiração para escrever. Na Fábula o mesmo ocorre, e a



invocação é feita à Madame de Montespan, descrita aqui como uma deusa que pode proteger o livro favorito.

Para finalizar, o eu lírico se coloca como não merecedor desta graça: a de ser protegido pela sua Deusa, então ele faz o pedido em nome da própria fábula que tem um grande poder sobre todas as pessoas. E se seus versos agradarem à Musa ele crê dever lhe um templo como recompensa, o qual só construiria para ela.

Eis um trecho da crônica de Machado de Assis publicada no jornal *Diário do Rio de Janeiro* em 3 de Janeiro de 1865, na qual se encontra a citação de La Fontaine:

Volto com o ano novo – não direi tão loução como ele, nem ainda tão celebrado, – mas seguramente tão cheio de promessas que espero cumprir, se, todavia, não intervier alguma razão de Estado.

Os leitores sabem, mais ou menos, o que é uma razão de Estado para o folhetim. A preguiça é um dom em que saímos aos deuses... (Assis, 1962, p. 258)

O texto inicia-se com o tema do Ano Novo e suas promessas que o cronista procurará cumprir, se uma “razão de Estado” não o impedir de continuar a escrever. Em seguida, ele cita a frase: “A preguiça é um dom em que saímos aos deuses”. Não existe nenhuma indicação de ser esta uma citação encontrada em outro autor lido por Machado. Apenas o ponto final, sem aspas, parênteses ou o nome do autor da frase.

O leitor tem que ter uma bagagem cultural muito grande para poder identificar a citação e saber que este verso pertence ao terceiro livro das Fábula de La Fontaine; sobretudo porque ela sofreu uma grande modificação.

Machado toma posse deste verso como se fosse dele e ainda o modifica, tornando ainda mais difícil o reconhecimento da citação no corpo do texto. Ele nos passa a impressão de ser um pensamento do cronista em relação ao contexto que está vivendo que é o ano novo.

Antoine Compagnon em *O trabalho da citação* (1996, p. 13-14) descreve exatamente como funciona esta questão de citar sem fazer referência ao autor ou ao texto citado.

Quando cito, extraio, mutilo, desenraizo. Há um objeto primeiro, colocado diante de mim, um texto que li, que leio; e o curso de minha leitura se interrompe numa frase. Volto atrás: re-leio. A frase relida torna-se fórmula autônoma dentro do texto. A releitura a desliga do que lhe é anterior e do que lhe é posterior. O



fragmento escolhido converte-se ele mesmo em texto, não mais fragmento de texto, membro de frase ou de discurso, mas trecho recortado e posto em reserva. Porque minha leitura não é monótona nem unificadora; ela faz explodir o texto, desmonta-o, dispersa-o. É por isso que, mesmo quando não sublinho alguma frase nem a transcrevo na minha caderneta, minha leitura já procede de um ato de citação que desagrega o texto e o destaca do contexto.

É exatamente desta maneira que Machado de Assis trabalha em seus textos ele “desenraiza” versos e frases de outros autores. E ao “desenraizar” ele replanta a raiz como sendo nova e em terra virgem, fazendo suas as palavras ou versos de outro escritor.

Machado lia muito e suas leituras eram compostas de literatura nacional e estrangeira e para mostrar seu conhecimento literário, ou para estabelecer diálogos intertextuais, ele se servia de trechos de outros autores em suas crônicas, às vezes parecendo esquecer o nome do autor citado.

Em crônica de 8 de novembro de 1864, o cronista inicia seu texto desta forma :

Quisera lembrar-me neste momento o nome do autor de quem me ficou este verso: La paresse es un don qui vient des immortels. Quem quer que sejas, ó poeta, - vivo ou morto, obscuro ou celebrado, - daqui te envio um protesto de reconhecimento profundo e admiração eterna. (ASSIS, 1962, p.217)

Seria realmente um esquecimento? Um autor tão renomado como Machado com tantas leituras e uma ampla bagagem cultural? Para Magalhães Jr.(1955, p.229), Machado de Assis tinha um “conhecimento seguro da língua francesa” e tornou-se vítima da “ insegurança de sua memória” em várias ocasiões.

Na crônica acima o autor fala de sua própria preguiça e de como este verso citado em francês lhe dá autoridade para se redimir diante de seu público leitor. Ele mostra que a preguiça era algo sentida também pelos deuses e que estes, portanto, o absolviam de sua indolência: “Graças ao teu verso, estou inteiramente salvo; é na própria linguagem dos deuses, que os deuses me absolvem. Que os leitores os imitem na clemência, como o folhetim à censura que merecem, por milagre do meu poeta deslembado”. (Assis, 1962, p. 217)

Porém, além do suposto esquecimento a frase não foi transcrita corretamente do original. Ela sofreu alterações. Seria outro lapso de memória?



Na fábula de La Fontaine parodiada por Machado a citação é a seguinte “L’apologue est un don qui vient des immortels”.

Seria possível ocorrerem dois lapsos de memória ao mesmo tempo? Esquecer-se do nome do autor citado e ainda modificar o seu texto?

Raimundo Magalhães Junior em *Machado de Assis desconhecido* (1971, p.221) afirma, no capítulo “O deturpador de citações” que Machado modifica os versos para servirem ao seu propósito, sendo o esquecimento um meio inteligente do qual se servia para esconder sua “falsificação”.

Quem é este poeta? Não é poeta nenhum. Ninguém escreveu tal verso, a não ser o próprio Machado de Assis. O verso autêntico é outro. O que ele citou constitui uma deturpação. O que não se pode estabelecer é se realmente se trata de uma confusão do cronista, que teria rebuscado a memória à procura de uma justificativa poética e sido por ela traído, ou se, ao contrário, existe aí uma deturpação intencional, para servir aos propósitos de quem devia encher um rodapé e se achava atrapalhado, à míngua de assunto. Inclina-mo-nos por esta última hipótese. Machado, faceciosamente, arrumara o verso francês à sua feição, ao jeito que lhe convinha. E as declarações de que quisera lembrar-se do nome do autor, como do agradecimento a quem quer que seja, não constituem, a nosso ver, senão um alibi inteligente para a falsificação. Se alguém o acusasse, ele diria: “Não me lembrei e não foi outra coisa o que eu disse”...

Na Fábula de La Fontaine dedicada à Madame de Montespan o poeta “faz é o seu auto-elogio, como continuador de Esopo”. E a troca da palavra “apologue” por “Paresse” parece ter sido feita de propósito, segundo Magalhães Junior.

Seriam estas coisas miudezas, insignificâncias, sem a menor dúvida, se não constituíssem documentos relacionados com a atividade de nossa maior figura literária. E tanto mais que tais trocas de palavras chegam a valer como que um desafio aos que, como ele, gostam de “catar o mínimo e o escondido...” (IDEM, p 224)

E a deturpação do texto, segundo Magalhães parece ser intencional, pois é descabido pensar em Machado como uma pessoa desatenta: “Parece-nos intencional a deturpação, sobretudo porque Machado de Assis era um leitor freqüente e atento de La Fontaine...” (IDEM, p. 222)



Em resumo a frase parodiada na crônica não parece estar modificada por causa de um esquecimento da frase original ou por mera coincidência. Há uma intenção maior em parodiar La Fontaine e trocar palavras no corpo do texto. Machado sabia como trabalhar com as palavras e como usá-las como ferramenta para emitir sua opinião, crítica ou ironia.

Em cada linha, em cada texto é transmitido ao leitor conhecimento histórico da sociedade de um período em pauta e é preciso que o leitor seja como o escritor - minucioso e profundo no seu saber. Cada crônica reflete um contexto histórico, e nesta em estudo, termina o ano de 1864 com a Guerra do Paraguai (que analisaremos mais a frente) e inicia-se o ano de 1865 com toda sua sociedade literária, musical e social. E a citação encontrada na crônica enriquece a narrativa, pois nos faz reviver as histórias ocorridas na corte de Louis XIV, tomamos conhecimento de sua amante, Madame Montespan e do poder que ela exercia no Rei Sol e pelo visto no próprio fabulista.

Lá estava Machado todo envolvido com o ano novo, sentindo o seu aroma e uma grande expectativa do desconhecido a ser desbravado. As promessas e anseios pairando no ar e junto com este clima uma sensação nostálgica e preguiçosa.

É desta maneira que encontramos o autor da crônica. Frente ao novo que o seduz, encanta e faz com que seu envolvimento seja total: “Volto com o ano novo – não direi tão loução como ele, nem ainda tão celebrado, - mas seguramente tão cheio de promessas que espero cumprir, se, todavia, não intervier alguma razão de Estado”. (Assis,1962, p.258)

Machado começa a viver o ano de 1865 e dá vazão para este momento inebriante. Com ele, vem toda uma sensação de preguiça, languidez própria do ano novo; porém, perturba-o a necessidade de escrever, essas sensações de preguiça o incomodam e sua preocupação redobra.

O que os leitores pensariam dele? Com toda esta preguiça advinda do novo tempo que estava iniciando, não só para ele, mas para toda a sociedade de 1865. Para se redimir diante dos seus leitores escreve a frase parodiada de La Fontaine “A preguiça é um dom em que saímos aos deuses”.

Já estudamos a questão da modificação dentro da frase, agora analisaremos um pouco vamos analisar o resultado no texto e também veremos a questão da paródia intertextual e do diálogo existente entre os autores.



Como sabemos a preguiça nunca poderá ser um dom, pois dom é uma dádiva, um presente que recebemos. Mas, a frase estudada diz exatamente o contrário. Diz ser a preguiça um dom e, mais ainda, um dom que nós herdamos dos deuses.

Quando lemos esta frase, logo nos vem à cabeça o Olimpo, com seus deuses, todos em festas, com muito vinho e mulheres. Dando vazão à carne e vivendo todos os frutos que ela pode dar ao ser humano. E um desses frutos é a preguiça.

Uma sensação de não querer fazer nada e desfrutar do ócio com prazer, sentindo uma moleza agradável e atraente.

Ao parodiar a frase de La Fontaine, Machado de Assis a leva para o seu contexto utilizando-a da forma que precisa para evidenciar seus pensamentos e o momento pelo qual está passando. Quem nunca se utilizou de provérbios populares para expressar uma circunstância vivida? Então, nosso autor também usa este recurso, mas não com provérbios, com frases extraídas de suas leituras. Só que estas frases entram em um universo novo, portanto existe a necessidade de transformá-las conforme o contexto narrado. Logo, não estamos diante de uma simples citação, mas de uma paródia.

A paródia pode ser encontrada em diversos tipos de expressões artísticas: literaturas, jornais, revistas, anúncios publicitários, outdoor, música, propagandas, pinturas... Ela atinge seu objetivo quando reconhecemos em um texto um outro texto de maneira a acentuar as diferenças entre eles. É muito importante termos esta percepção, desta maneira saberemos em qual ponto ocorreu a mudança, qual o significado desta mudança para aquela obra. O que o artista quis nos mostrar ao recriar uma obra de arte.

Portanto, a intenção não é valorizar mais uma obra que a outra, é usar a obra original como base para uma transformação através do tempo e do espaço.

Segundo Linda Hutcheon (1989, p.46), "O que é interessante é que, ao contrário do que é encarado mais tradicionalmente como paródia, a forma moderna nem sempre permite que um dos textos tenha mais ou menos êxito que o outro. É o fato de diferirem que esta paródia acentua e, até, dramatiza".

A paródia pode ocorrer com o objetivo de ridicularizar e zombar do texto parodiado:

Uma composição em prosa ou em verso em que os estilos característicos do pensamento e fraseado de um autor, ou classe de autores, são imitados de maneira a torná-los ridículos, em especial aplicando-os a temas caricatamente



impróprios; imitação de uma obra tomando, mais ou menos como modelo o original, mas alterado de maneira a produzir um efeito ridículo. (IDEM, p. 48)

Ou de ir de acordo com o texto, mantendo uma distância da fonte através da ironia:

A paródia é, pois, na sua irônica < transcontextualização> e inversão, repetição com diferença. Está implícita uma distância crítica entre o texto em fundo a ser parodiado e a nova obra que incorpora, distância geralmente assinalada pela ironia. Mas esta ironia tanto pode ser apenas bem humorada, como pode ser depreciativa; tanto pode ser criticamente construtiva, como pode ser destrutiva. (IDEM, p. 48)

Como vimos à ironia é importante para assinalar esta diferença entre textos. Mas, não é tão fácil reconhecer ironia dentro de um texto, para isso o receptor tem uma importância fundamental. É preciso muita atenção para poder captar o real sentido que se quis expressar, seja este sentido depreciativo ou simplesmente humorístico. A ironia precisa ser captada para alcançar o objetivo a que ela foi predeterminada, senão ela fica sem fruto, como uma árvore seca, e o mesmo acontece na paródia, o leitor precisa reconhecer no texto lido o trecho parodiado senão a função total do texto não é acionada, o sentido não é completo e o decodificador não consegue decifrar por completo a mensagem que o autor quis transmitir através de seu texto. Portanto, a ironia e a paródia exigem muito de seus praticantes e intérpretes, segundo Linda Hutcheon(1989, p.50)

... a ironia é, por assim dizer uma forma sofisticada de expressão. A paródia é igualmente um gênero sofisticado nas exigências que faz aos seus praticantes e intérpretes. O codificador e, depois, o decodificador, tem de efectuar uma sobreposição estrutural de textos que incorpore o antigo no novo.

Assim fica bem claro que é de fundamental importância reconhecer na crônica estudada a paródia e a ironia. E, ao parodiar La Fontaine, Machado de Assis estabelece um diálogo entre textos, que é possível, segundo Julia Kristeva (1974,p.62), graças a três dimensões do espaço textual: do escritor, do destinatário e do contexto anterior: “a palavra literária” não é um ponto (um sentido fixo), mas um cruzamento de superfícies textuais, um diálogo de diversas escrituras: do escritor, do destinatário (ou da personagem), do contexto cultural atual ou anterior”, criando um eixo horizontal entre sujeito e destinatário, e um eixo vertical entre texto e contexto. Em que a palavra, ou seja,



o texto cruze com outro texto. Julia Kristeva, a criadora do conceito de intertextualidade afirma: “todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto...” (1974,p.64)

O conceito elaborado por Kristeva surgiu da leitura da obra de Bakhtine, para quem “o diálogo é a única esfera possível da vida da linguagem” (1974,p.66), mas a linguagem não é somente usada pelo sujeito, ela é uma forma de ler o outro. Portanto, não é uma maneira subjetiva, mas também comunicativa, ou seja, intertextual, dando lugar apenas à pessoa que cria a escritura, mas à ambivalência desta escritura.

Para Bakhtine (apud, Kristeva,1974,p.72), existem duas vias que se unem na narrativa: a inserção da história (da sociedade), no texto, e do texto na história. E há três categorias de palavras na narrativa: a palavra direta, a palavra objetal e quando o autor utiliza a palavra de outrem para inserir um sentido novo, tornando a palavra ambivalente.

É o efeito da estilização que estabelece uma distância relativamente à palavra de outrem contrariamente à imitação ... que toma o imitado (o repetido) a sério, torna-o seu, apropria-se dele, sem o relativizar. Esta categoria de palavras ambivalentes caracteriza-se pelo fato de que o autor explora a palavra de outrem, sem ferir-lhe o pensamento, para suas próprias metas; segue sua direção deixando-a sempre relativa. (KRISTEVA,1974,p.72)

É exatamente o que vemos ocorrer na crônica de 3 de janeiro de 1865. Machado de Assis ao recortar um trecho da fábula, apropria-se da palavra de outrem, tornando-a sua e utilizando da maneira que precisava para expressar o seu ponto de vista no contexto-histórico em que vivia. Um contexto completamente diferente do original em que La Fontaine fazia uma apologia à fábula comparando a um dom vindo dos deuses para os mortais fazerem uso dela. Tornando sua a palavra de La Fontaine, Machado refere-se ao ano que estava iniciando e à preguiça que sentia com a chegada do mesmo. Enfim, ao parodiar La Fontaine, Machado de Assis trabalha um texto dentro de outro texto, como vimos, é chamado de intertextualidade e trabalha na linguagem deste intertexto, trazendo uma pequena troca de palavras.

Na frase original refere-se à França no reinado de Louis XIV, ela nos leva a conhecer os costumes da época, a sociedade e uma das amantes prediletas do Rei Sol, a Madame de Montespan a quem o fabulista dedica sua fábula, comparando-a a uma deusa que participa da mesa do Rei.



Na frase parodiada estamos em pleno século XIX, a sociedade em que vivia Machado de Assis, a chegada do ano de 1865 com certeza trazia uma ânsia muito grande, pois 1864 foi marcado pela Guerra do Paraguai e por um ciclone na Índia que matara por volta de setenta mil pessoas.

Mas, o ano novo não trouxe o fim dos problemas como sabemos. A Guerra se estendeu e só finalizou depois de cinco duros anos.

Ao citar La Fontaine, Machado reflete um comportamento de muitos intelectuais da época, que viviam em uma sociedade afrancesada. A sociedade carioca oitocentista sofria influência da França em várias áreas: arquitetura, costumes, roupas e até mesmo as idas aos cafés.

No texto de Nicolau Sevcenko, *Literatura como missão* (2003), são retratadas estas mudanças ocorridas, principalmente na cidade do Rio de Janeiro que ganhava ares europeus. Imagina-se um país tropical, onde se usavam roupas próprias para o frio da Europa. .²

Por meio destas transformações, percebe-se um defeito que nos fora imposto pelo estrangeiro “a preguiça”, que só é quebrada quando a cidade do Rio de Janeiro começa a ser modernizada.

Data dessas transformações a descoberta, pelos escritores brasileiros, de uma pecha que até então só nos fora impingida pelos estrangeiros: a “nossa tradicional preguiça”... Por isso, um dos temas da Regeneração foi exatamente este: o orgulho de, com as obras de reconstrução do Rio, nos haveremos redimido do estigma de preguiçosos com que os estrangeiros nos açulavam. (SEVCENKO,2003, p. 45)

O estrangeiro nos vê como preguiçosos, pois lhes foi passada esta imagem. De uma sociedade rural, representada na literatura pela figura do Jeca Tatu de Monteiro Lobato. Somos redimidos deste jargão de preguiçosos e já não era sem tempo disto ocorrer:

2 O Café Procópio é citado na crônica, era um ponto de encontro de muitos artistas e também de curiosos que faziam questão de participar deste meio para poder bisbilhotar nos fatos que estavam em pauta naquela sociedade.

Recorda-se a “Sociedade Petalógica” de Paula Brito. Francisco de Paula Brito é considerado nosso primeiro editor, fazendo de sua loja no Rio de Janeiro um importante ponto de encontro de intelectuais. Esta chegada da imprensa na nossa sociedade alavanca a emergência existente em um país letrado e com tantas necessidades específicas.



“ Onde vai perdida nossa fama de povo preguiçoso, amolentado pelo clima e pela educação, incapaz de longo esforço e tenaz trabalho? [...] já é tempo de se recolher ao gavetão onde se guardam os chavões inúteis, essa lenda tola da nossa incurável preguiça.” (BILAC, Apud SEVCENKO, 2003, p.45)

Na crônica este sentimento é exemplificado no próprio cronista. Quando ficamos cientes desta realidade da época, percebemos que Machado pode estar ironizando uma característica pela qual a sociedade da época é conhecida no estrangeiro.

Agora nos perguntamos, será que ele realmente dera lugar à preguiça ou ele estava usando um chavão da época para ironizar a imagem do Brasil criada no estrangeiro. Com sutileza, colocando-se como preguiçoso, ele não está justamente tentando mostrar o contrário?

Alguém que sente tanta preguiça tem que escrever e mesmo com toda fama de preguiçoso, consegue narrar muito bem o sentimento sentido por todos na virada do ano. Não apenas um sentimento pertencente apenas ao povo brasileiro, mas algo que o mundo todo sente na virada do ano. Não seria uma forma de ironizar todos que tinham esta imagem errônea do Brasil, mostrando a eles que este sentimento é algo real em todas as nações e que mesmo sendo conhecido como um povo preguiçoso, ele em pleno início de ano estava trabalhando e retratando por meio da sua escrita a sociedade da época e a história de uma geração?

Este é um breve comentário dos fatos narrados na crônica. Machado de Assis é mestre em ir de um assunto ao outro. Começa falando do ano novo, depois em pauta a Guerra do Paraguai e, em seguida, disserta sobre Paula Brito, a livraria Garnier, as pessoas que frequentam a livraria, e passa para suas impressões sobre o teatro.

É uma arte passar de um assunto ao outro com tanta presteza e de forma tão clara. Parece que os assuntos seguem o turbilhão de pensamentos do autor e através da crônica temos toda a cronologia e os costumes da sociedade de 1865.

Na crônica de 3 de janeiro de 1865, Machado de Assis aborda a Guerra do Paraguai. Sua visão da Guerra foi analisada por Raimundo Magalhães Junior em “Machado de Assis Desconhecido” (apud, Magalhães Junior, 1971, p.39-50)

A acusação frequente sofrida por Machado de Assis era a de que ele não participava dos acontecimentos do seu tempo, o que é uma visão totalmente errada e ingênua de escritores que escreveram sobre Machado. Somente no livro de D.Hugo



Bressane de Araújo (apud, MAGALHÃES JUNIOR, 1971, p.39), arcebispo auxiliar, governando a Diocese de Marília, no Estado de São Paulo é que encontramos absoluta discordância a este respeito, segundo ele:

Não pode padecer a menor dúvida que fora Machado de Assis um grande patriota no rigor do termo. Toda sua vasta obra, genuinamente brasileira, é uma prova cabal. Os grandes acontecimentos da história pátria repercutiam fundamente naquele coração bem nascido.

A relação de Machado com a Guerra do Paraguai começa antes do início das hostilidades. O navio brasileiro Marquês de Olinda não tinha sido apreendido e Machado, no *Diário do Rio de Janeiro*, já analisava as reações de Francisco Solano Lopes e a política do Prata.

No folhetim de 24 de outubro de 1864 Machado (1962, p.197) compara Lopez a um D. Quixote de La Mancha, acrescentando que o propósito de Lopez era equilibrar o Rio da Prata, opondo-se às invasões imperialistas e incentivando todo o povo paraguaio a lutar depositando assim “os homens o seu sangue e as mulheres a sua honra”.

O cronista, acusado de indiferença, acaba com o brio das nossas forças militares na crônica de 3 de janeiro de 1865.

O folhetim precisa dizer o que pensa, o que sente, o que julga a respeito das últimas ocorrências naquela parte da América? Haverá acaso duas opiniões e dois sentimentos nesta questão nacional? Não há um só ponto de vista na apreciação das arlequinadas de Lopez e Aguirre?

O enunciado contém a resposta.

Vinga-se atualmente no campo da ação a honra nacional. O valor do exército brasileiro não está fazendo as suas provas; já as fez, já foi consagrado naquelas mesmas regiões. Nem a tarefa pode assoberbá-lo desta vez: para aquelas crianças traquinas, constituídas em nações, bastam a vergasta e a palmatória.

A conquista da justiça que anima os nossos soldados, é já um penhor de vitória.
(ASSIS, 1962, p.258)

Sabemos que esta guerra dizimou a população Paraguaia, que crianças soldados eram mortos pelos soldados brasileiros e que as mulheres contribuíram muito na guerra, ajudando em tudo que era necessário e algumas até mesmo lutaram ao lado de seus filhos. Esta situação não agradava ao Duque de Caxias que declara ao imperador Pedro



II: “Quanto tempo, quantos homens, quantas vidas e quantos elementos e recursos precisaremos para terminar a guerra e dizer, para converter em fumo e pó toda a população paraguaia, para matar até o feto do ventre da mulher?”. (apud, CHIAVENATO, p.162). Mais tarde, Machado de Assis trata da colaboração destas mulheres à guerra:

[...] nada escrevi a respeito das damas, e quero hoje reparar a falta, começando por aí e dedicando às damas estas humildes colunas. Não nascestes para a guerra, isto é, para a guerra da pólvora e da espingarda. Nascestes para outra guerra, em que a mais inábil e menos valente vale por dois Aquiles.... De qualquer modo ajudais os homens. Uma, como a mãe espartana, arma o filho e o manda para a batalha; outras bordam uma bandeira e a entregam aos soldados; outras costuram as fardas dos valentes; outras dilaceram as próprias saias para encher os cartuchos....Não tendes uma espada, tendes uma agulha; não comandais um regimento, formais coragens; não fazeis um assalto, fazeis uma oração.... o passo às damas argentinas, a quem, aliás, devemos votar todos e todas uma eterna gratidão. (IDEM,1971, p. 42-43)

Como podemos ver a abrangência de assuntos encontrados em Machado vai de um assunto “tosco” a um de importância nacional e internacional. Relata uma guerra tão sangrenta como foi a do Paraguai, mostra a coragem de crianças soldados e de mulheres que guerrearam em todos os sentidos pela sobrevivência de sua família e de sua nação.

Por meio das crônicas de Machado entramos no século XIX e conhecemos seus aspectos sociais, culturais, econômicos e literários. É um universo de assuntos que revela ao pesquisador todo um mundo de ideias, sonhos, ganâncias, de um tempo diferente do tempo da fábula de La Fontaine, mas no qual também podemos visualizar os mesmos aspectos, pois descrevem a sociedade como ela é, as lutas por poderes, a ganância no coração do homem, a falta de amor e valorização do ser e não do ter, os heróis e anti-heróis.

O desejo no coração do cronista pelo ano novo é universal. Todos desejam algo melhor, têm metas, planos para realizarem, maldizem o ano velho e bendizem o novo, porém quando o novo vem com implicações novas, deseja-se o algo bom do ano anterior, porém, cada tempo é dono de um saber, de um ter e ser e de uma circunstância. Não há nada novo sobre a terra que já não tenha sido visto e relatado, fazemos parte deste “mosaico de citações” definido por Julia Kristeva. E precisamos entender a época que vivemos para não ocorrer conosco o mesmo erro cometido por Solano Lopez que não



soube e não tinha pessoas no seu governo que interpretassem o seu tempo a ponto de evitar tanto desgaste, perdas e sofrimento para sua nação.

La Fontaine e Machado de Assis estabelecem um diálogo entre dois tempos que nos faz viajar em contextos históricos tão distantes. Duzentos anos de diferença, mas toda a transmissão de conhecimento do tempo vivido por esses autores um destes autores, torna-se atual para a época em que estamos vivendo.

Dois tempos em diálogo que continuam dialogando com o nosso tempo. Nosso presente se funde com o passado, os sentimentos são os mesmos, a sociedade pode ter mudanças de costumes, mas os sentimentos que a guiam são conhecidos por todo ser humano independente da época na qual cada um está vivendo.

Referências

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Jackson, 1962.

BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil-1900**. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975. Cap.I-V

CHIAVENATO, Julio José. Genocídio Americano: **A Guerra do Paraguai. Circulo do Livro**. [1988]. 1. Edição.

COMPAGANON, Antoine. **O Trabalho da Citação**. Trad. Cleonice P.B. Mourão. Belo Horizonte: Ed UFMG, 1996.

HOLANDA, Sérgio Buarque, **História Geral da Civilização Brasileira**. Tomo II O Brasil Monárquico. 5 Vol. Do Império à República. Difusão Euopéia do livro, São Paulo 1972.

HUTCHEON, Linda. **Definição da paródia**. In: Uma teoria da paródia [A theory of parody]. Ensinaamentos das formas de Arte do século XX. Trad. De Teresa Louro Pérez. Lisboa; Ed. 70, 1989. P.45-68

JUNIOR, Raimundo Magalhães. **Machado de Assis desconhecido**. São Paulo 1971

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974

LA FONTAINE. **Fables**. Édition de Jean-Charles Darmon e Sabine Gruffat. 2002.

LINHARES, Maria Yedda(organizadora), **História Geral do Brasil**. – 9 ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 1990

BABEL: Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras
ISSN: 2238-5754 - n.02, jan/jun 2012



SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2. Ed. Ver. E ampl. São Paulo: Cia, das Letras, 2003. [Bilac,apud SEVCENKO ,2003, p.45 . “crônica”, RK, outubro de 1909].

SILVA, Francisco de Assis,1937 – **História do Brasil: Colônia, Império, República** / São Paulo: Moderna,1992.